

A TEORIA DA INTENCIONALIDADE DE SEARLE

François André da Silva Marques*

Resumo: Neste trabalho apresentaremos algumas reflexões de Searle, as quais são fundamentais para entendermos sua teoria da Intencionalidade. Em outras palavras, faremos uma introdução que dará sentido à sua teoria da Intencionalidade, teoria que é crucial para explicarmos a relação entre a consciência e o mundo. Discutiremos os pressupostos que os seres conscientes têm acerca do mundo e também a concepção searleana da mente e da consciência. Assim, conseguiremos compreender de modo geral a relação entre a consciência e a Intencionalidade, a estrutura dos estados Intencionais, a causação Intencional, o Background, a Rede de Conexões, entre outros conceitos. A principal suposição é que o conceito de intencionalidade é muito importante na filosofia de Searle, tanto para a filosofia da linguagem quanto para sua filosofia da mente.

Palavras-chave: Intencionalidade. Mente. Background. Consciência. Searle.

SEARLE'S THEORY OF INTENTIONALITY

Abstract: In this work, we will present some Searle's thoughts which are fundamentals for we understand his Intentionality theory. That is, we will make an introduction that will give sense at his intentionality theory, as this theory is essential for we explain the relationship between the consciousness and the world. We will discuss the presuppositions that the living beings have about the world and too the Searle's conception of the mind and of the consciousness. So we can understand in a general mood the relationship between the consciousness and the intentionality, the structure of the intentional states, the intentional causation, the Background, the network, among others concepts. The main assumption is that the intentionality concept is very important in Searle's philosophy for both his philosophy of mind and his philosophy of language.

Keywords: Intentionality. Mind. Background. Consciousness. Searle.

Introdução

Iniciaremos este trabalho com as teorias naturalista da mente e da consciência de Searle para podermos chegar à sua concepção da Intencionalidade que, evidentemente, ocupa um lugar de extrema importância na sua teoria da linguagem. Contudo, antes de chegarmos à análise da teoria da consciência, admitiremos alguns pressupostos, denominados por ele de posições-padrão, e veremos as consequências dos mesmos em sua teoria da Intencionalidade. Veremos que alguns problemas surgirão com esses

* Bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, pesquisa filosofia da linguagem, filosofia da mente, epistemologia e ontologia. E-mail: fasm89@alu.ufc.br.

pressupostos, como, por exemplo, a acessibilidade dos seres conscientes ao mundo real. Para resolver este problema, analisaremos a sua teoria do naturalismo biológico e suas consequências. Em seguida, a teoria da Intencionalidade surgirá com o intuito de resolver o problema da relação entre a consciência e o mundo externo e possibilitará as discussões sobre a linguagem em ação. Isto nos possibilitará explicar, através da visão searleana, como a mente representa para si e para os outros os estados mentais, tais como crenças, desejos e intenções.

Na seção sobre a consciência, apresentaremos os aspectos da mesma e como é possível descrevê-la sem uma redução eliminativista, com base na distinção searleana entre a descrição da *ontologia de primeira pessoa* e a *ontologia de terceira pessoa*. Em seguida, apresentaremos as noções de Background, Rede, até chegarmos à noção de Intencionalidade. O objetivo deste trabalho é mostrar a teoria da Intencionalidade como parte fundamental na filosofia de Searle, que perpassa a sua filosofia da mente e a sua filosofia da linguagem⁷. Desse modo, concluiremos demonstrando como a teoria da Intencionalidade na filosofia da mente de Searle influencia a sua filosofia da linguagem.

1. Posição-padrão

Como afirma o naturalista biológico, as pessoas geralmente agem de acordo com pressupostos acerca do mundo real, sendo eles fundamentais para a vida dos seres conscientes. Estes pressupostos são pontos de vista geralmente aceitos no nosso cotidiano e Searle denomina-os de posição-padrão. Dentre esses pressupostos, um dos mais básicos é que há um mundo real que existe independente de nós, nossas experiências, nossos pensamentos e nossa linguagem. A posição de que há um mundo real independente do sujeito é denominada de *realismo externo*. Outro pressuposto básico admitido por Searle é a teoria da verdade como correspondência, ou seja, a teoria que defende que as afirmações são verdadeiras quando elas correspondem, descrevem ou se encaixam à maneira como as coisas realmente são no mundo.

De acordo com a concepção searleana, essas posições-padrão são normalmente verdadeiras, apesar de terem sofrido muitos ataques durante a história da filosofia. Esses ataques adquirem um caráter essencial na história da filosofia, porque somos levados a

⁷ Para Searle, a filosofia da linguagem é parte da filosofia da mente.

pensar que para filosofar precisamos negar os pressupostos do senso-comum. Isto é, somos induzidos a pensar que para filosofar temos que negar coisas que normalmente são óbvias e consideradas como fatos pelo senso-comum. Temos como exemplo a negação da realidade de um mundo externo independente de nossos estados subjetivos.

Porém, em sua visão, alguns outros pressupostos não são verdadeiros como, por exemplo, o ponto de vista de que existem duas entidades distintas, sendo elas uma mente e um corpo. Esse pressuposto não é admitido por Searle devido ao fato de ele nos levar a dizer algo absurdo, tal como afirmar que existe um corpo que é material e uma mente que não é material. A concepção de que a mente é algo além da matéria é defendida pelo dualismo de substâncias e é rejeitado por Searle em sua teoria da mente. Contudo, ele também nega a posição materialista que defende a exclusão do aspecto subjetivo da mente e, deste modo, reduz a mente ao comportamento do corpo, ao processamento de informações ou a estados computacionais do cérebro.

Este conjunto de pressuposições forma o que Searle denomina de *Background* ou *Pano de Fundo*. O Pano de Fundo desempenha um papel fundamental para compreendermos as ações Intencionais que realizamos no nosso cotidiano, tais como andar, dirigir e comer. Não apenas nessas ações Intencionais, mas também é considerado fato no âmbito do discurso sobre objetos e estados de coisas (*state of affairs*) do mundo que existem independente dos seres humanos, ou seja, que tratam de aspectos do mundo real. Os exemplos de Searle são as formas de explicar, de prometer, de afirmar, de descrever, de ordenar e de pedir. No entanto, trataremos o conceito de Background mais adiante na seção da Intencionalidade, pois ele será melhor elucidado em sua relação com o conceito de Rede.

Além do mais, hoje em dia, como segue o argumento de Searle, cremos e entendemos o mundo diferentemente de alguns séculos anteriores, normalmente as pessoas mais instruídas da contemporaneidade não acreditam em qualquer fantasia que dizem por aí. Em sua visão, esse fato acontece por causa dos avanços das ciências naturais, mais especificamente, por teorias como a teoria atômica da matéria e a teoria evolutiva da biologia. Essas duas teorias são admitidas neste trabalho e elas trarão grandes influências para o seu desenvolvimento⁸.

⁸ Isto é, aqui isso não nos causa nenhum problema.

Através dessas duas teorias, Searle expõe que (i) o universo é constituído de partículas em campo de força que estão geralmente organizadas em sistemas e (ii) as fronteiras de um sistema são determinadas por suas relações causais. São exemplos de sistemas: árvores, montanhas, geleiras, e assim por diante. Ademais, alguns desses sistemas são sistemas orgânicos de cadeia de carbono, entre esses sistemas orgânicos estão organismos que hoje existem de espécies que evoluíram ao longo do tempo. Desses organismos, alguns desenvolveram sistemas nervosos, conseqüentemente, esses sistemas nervosos desenvolveram o que chamamos de mente. Na visão searleana, o aspecto primeiro e mais essencial das mentes é a consciência.

2. A Consciência

Searle não fornece uma definição de “consciência”, porém ele entende por consciência os estados de conhecimento e percepção que começam quando acordamos e terminam quando dormimos sem sonhar (ou morremos ou de algum outro modo nos tornamos inconscientes)⁹. As implicações dos pressupostos nos levam diretamente ao conceito de *naturalismo biológico*¹⁰ de Searle, que será aceito aqui para seguir com a exposição, em oposição às diversas teorias existentes, tais como o materialismo e o dualismo de substância. O *naturalismo biológico* defende que a mente é um processo biológico, assim como a digestão. Basicamente, a diferença entre o processo digestivo e a consciência é que o processo digestivo tem uma ontologia de terceira pessoa e a consciência tem uma ontologia de primeira pessoa. Por isso, a consciência não é redutível a processos que consistam em fenômenos físicos descritíveis em termos físicos da terceira pessoa.

Desta maneira, a concepção adotada por Searle não exclui a existência de partículas físicas em campo de força e nem de experiências conscientes. São exemplos de experiências conscientes: pensar um problema filosófico, sentir o cheiro de uma flor, dirigir um automóvel, ler um livro, lembrar os tempos de criança, resolver uma equação

⁹ O conceito de inconsciente na filosofia de Searle é uma discussão extensa, portanto, não comentaremos sobre essa questão aqui. Para mais informações ver Searle, 1995.

¹⁰ Há uma enorme discussão a respeito dessa visão de Searle, alguns autores chamam essa visão de Searle de dualismo de propriedade. Os ataques foram tantos que Searle escreveu um artigo para negar, denominado de “Why am I Not a Property Dualist?”.

matemática, sentir um ímpeto sexual, ficar com raiva porque alguém pisou no seu pé, ficar entediado enquanto espera para ser atendido no banco, sonhar durante o sono, etc.

Mas a pergunta que fica é: como aspectos físicos causam a consciência do modo que essa teoria concebe? A consciência e os estados mentais como um todo são causados por processos neurais de nível inferior no cérebro, sendo a mente um processo físico de nível superior. Entretanto, o problema está em aceitar uma descrição biológica da consciência sem excluir as experiências conscientes dela. Argumentando que não podemos apenas descrever a consciência do mesmo modo que descrevemos outros processos biológicos como a digestão. Pode-se reduzir a digestão ao explicarmos como acontece a quebra dos carboidratos, mas não podemos do mesmo modo falar que a consciência se reduz aos bombardeios de neurônios.

Vejamos agora alguns aspectos da consciência de acordo com o naturalismo biológico. Existem três aspectos essenciais da consciência, a saber: (i) eles são internos, (ii) qualitativos e (iii) subjetivos. A consciência é interna de um modo espacial, isto é, os estados conscientes ocorrem dentro do corpo, em oposição a um eventual acontecimento externo. A consciência não ocorre longe do corpo, não faz sentido dizer literalmente que seu corpo está neste momento no seu quarto e sua consciência está na rua. Isto é, a consciência ocorre em um cérebro e não podemos separá-la dele, assim como a característica líquida da água não pode ser separada da água. A consciência ocorre necessariamente dentro de um organismo ou de algum sistema. Outro sentido da consciência ser interior é que qualquer um de nossos estados conscientes só existe em uma complexa rede de relações com outros estados conscientes. Sendo assim, a ontologia de um estado consciente envolve uma relação desse estado consciente com outros estados conscientes.

Os estados conscientes são qualitativos no sentido de que há um modo determinado de sentir cada um dos estados mentais. Por exemplo, há um modo de beber um suco de cajá e esse modo de beber um suco de cajá é bem diferente do modo de escutar uma música. Nesse mesmo sentido, não há um modo de ser uma mesa e nem de ser um sofá, porque essas entidades não são conscientes.

Os estados conscientes são subjetivos no sentido de serem sempre experimentados por um agente humano ou animal que os possua. Isto significa que a subjetividade possui uma ontologia de primeira pessoa, em oposição à epistemologia,

pois não se trata de como o sujeito conhece os seus estados conscientes, mas de como ele os experimenta. Em suas próprias palavras:

Uma consequência da subjetividade dos estados conscientes é que meus estados de consciência são acessíveis para mim de uma maneira que não o são para você. Tenho acesso às minhas dores de uma maneira que você não tem acesso às minhas dores, mas você tem acesso às suas dores de uma maneira que eu não tenho acesso a essas dores. Por acesso, na última frase, não quero dizer simplesmente acesso epistemológico. Não se trata apenas de eu poder conhecer minhas dores melhor do que posso conhecer suas dores¹¹.

Somente seres conscientes possuem uma ontologia de primeira pessoa, os outros objetos no mundo possuem uma ontologia de terceira pessoa (tais como montanhas, árvores, mesas, cadeiras, entre outros). Os objetos têm uma ontologia de terceira pessoa porque a existência deles não depende de ser experimentada por um agente.

Existem também outros aspectos da consciência que são relevantes para a construção da nossa pesquisa sobre a Intencionalidade searleana. Um destes aspectos dos estados conscientes é a *familiaridade*. A consciência sempre traz um grau de familiaridade às percepções, desde as coisas mais estranhas até as mais usuais. Sempre quando visitamos lugares estranhos ainda assim os objetos que vemos fazem sentido para nós, por exemplo, se percebemos uma casa estranha ainda assim sabemos que ela é um local para morar.

Ademais, a consciência tem um aspecto denominado de *transbordamento*. Esse aspecto tem como característica que as experiências conscientes sempre fazem referência às coisas que estão para além da consciência. As experiências conscientes nunca são isoladas, elas sempre se prolongam para além delas mesmas. Quando temos um pensamento determinado sempre nos lembramos de outros pensamentos. Por exemplo, as experiências visuais que temos fazem referência a coisas não vistas no momento.

Além disso, todos os estímulos sensoriais chegam ao agente consciente de maneira unificada. Deste modo, não existem diferentes tipos de consciência para cada experiência consciente, ao contrário, os diversos estímulos sensoriais de um agente consciente fazem parte de uma única experiência consciente.

¹¹ SEARLE, John., 2000, p. 47.

Entre todos esses aspectos apresentados, na concepção searleana, o mais importante para a sobrevivência é que a consciência nos dá acesso a um mundo diferente dos nossos estados conscientes. Ela representa para si objetos e estados de coisas do mundo. A partir disso, apresentaremos como se dá na teoria searleana a relação da consciência com o mundo real e mostraremos um dos fatos mais importantes da relação do sujeito consciente com o mundo, a Intencionalidade. O estudo da Intencionalidade e sua relação com a consciência nos permitirão demonstrar como isso ocorre.

3. Intencionalidade

A Intencionalidade é a característica de muitos estados mentais que nos permite ter acesso ao mundo real e também a nos relacionarmos com ele. Ela é um aspecto dos estados mentais que se refere a e dirige-se a objetos e estados de coisas no mundo. O termo Intencionalidade é diferente de ter a intenção no sentido de pretender, por exemplo, distingue-se de ter a intenção de ir ao cinema. Na língua portuguesa não temos esse significado para a palavra ‘Intencionalidade’. De acordo com Searle¹², ela é um conceito filosófico de origem alemã derivada da palavra ‘*Intentionalität*’. Conta-nos Searle¹³ que na língua alemã não há esse problema com a ‘Intencionalidade’, devido ao fato do significado de ‘*Intentionalität*’ ter um sentido distinto da palavra ‘*Absicht*’, tendo esta última palavra o sentido de pretender.

Ao longo de todo o nosso trabalho colocamos a palavra “Intencionalidade” com a letra inicial maiúscula para distingui-la do sentido de pretender, tal como faz o próprio Searle em seu livro “Intencionalidade”. Vale ressaltar que a intenção é apenas um tipo de Intencionalidade como quaisquer outros tipos de Intencionalidade, e, por este motivo, ela não é um tipo especial de Intencionalidade. São exemplos de estados Intencionais: crenças, desejos, intenções, ódio, ansiedade, entre outros.

A Intencionalidade é uma característica de muitos estados mentais, mas ela está dissociada da noção de consciência, visto que nem todos os estados conscientes são Intencionais e nem todos os estados Intencionais são conscientes. Podemos ter uma

¹² A bem da verdade, há controvérsia a esse respeito. É mais aceita e difundida a origem do termo como vinda do latim.

¹³ In Searle, 2000.

crença mesmo que estejamos inconscientes, por exemplo, acreditamos que o Camilo Santana é governador do Ceará mesmo estando em um sono sem sonho¹⁴. Isso só afirma que quando nós estivermos despertos poderemos responder à pergunta sobre quem é a (o) presidente do Brasil. No exemplo do caso oposto, podemos ter uma ansiedade que não seja direcionada a algum objeto ou estados de coisas do mundo. Na verdade, todos os estados mentais só podem ser considerados estados mentais se eles podem vir a ser conscientes ou Intencionais.

Neste último caso, parece que há uma contradição, pois afirmamos que a ansiedade é um exemplo de estado Intencional e depois falamos que uma ansiedade é um estado consciente que não é Intencional. Isso ocorre na visão de Searle porque a ansiedade não será Intencional quando esta não tiver uma *direcionalidade*, isto é, quando não pudermos dizer o porquê de estarmos ansiosos. Esse sentido difere, por exemplo, de quando estamos ansiosos para que chegue o final de semana. Acontecem casos em que acordamos e sentimos uma ansiedade sem haver motivos. Não podemos dizer o mesmo sobre o desejo, porque ele sempre terá uma direcionalidade. Isso ocorre porque sempre quando um sujeito tem um desejo, ele terá um desejo acerca de objetos ou acerca de que algo ocorra.

Dissemos que os estados Intencionais sempre se direcionam a algo no mundo real, mas nós não simplesmente desejamos algo, na verdade, o sujeito que deseja transforma o mundo para que o desejo se realize. Esse “transformar” implica tanto nas *condições de satisfação* quanto na *direção de ajuste*. Porém, precisamos explicar brevemente como estados mentais causam eventos no mundo. Ao vermos coisas, os objetos causam as nossas experiências visuais. Ao lembrarmos um evento ocorrido no passado, esse evento do passado causa nossa lembrança no presente. Podemos perceber que a explicação da causalidade nos leva às condições de satisfação e à direção de ajuste¹⁵. Vejamos como funciona:

Algumas vezes, faz parte das condições de satisfação do próprio estado intencional que ele só seja satisfeito se funcionar de maneira causal. Assim, por exemplo, se tenho a intenção de levantar o braço, então a intenção, para ser satisfeita, exige mais do que eu levantar o braço. Pelo contrário, faz parte das condições de satisfação da minha

¹⁴ Aqui estamos falando apenas da concepção de Searle no livro *Intencionalidade*, essa questão traz bastante questionamentos. Ver CARVALHO, Joelma Marques de, 2005.

¹⁵ O termo “direção de ajuste” foi criado por Austin em *How to Talk: Some Simple Ways*, 1979.

intenção de levantar o braço que essa intenção específica faça com que meu braço se levante¹⁶.

Alguns estados Intencionais são causalmente auto-referenciais, isto é, o estado Intencional só é satisfeito se o próprio estado causar o restante de suas condições de satisfação. No exemplo da intenção de levantar o braço, a intenção de um sujeito só será satisfeita se a própria intenção dele causar o restante de suas condições de satisfação. Outros estados Intencionais como os estados de percepção e de lembrança também são causalmente auto-referenciais.

Para a compreensão das condições de satisfação e da direção de ajuste é importante enfatizar que os estados Intencionais possuem um tipo e um conteúdo. O conteúdo de um estado Intencional pode corresponder a diferentes tipos de estados Intencionais. Por exemplo, podemos esperar que chova, temer que chova e acreditar que vai chover. Todos esses tipos possuem o mesmo conteúdo: o fato de que vai chover. Apesar de terem o mesmo conteúdo Intencional, esse conteúdo é apresentado de modos Intencionais distintos¹⁷.

Desta maneira, o conceito de direção de ajuste deixa claro o tipo de estado Intencional e, assim, implica nas condições de satisfação do estado Intencional. Como vimos acima, os estados Intencionais proporcionam a nós uma relação direta com o mundo e, conseqüentemente, os estados Intencionais se direcionam a objetos e estados de coisas no mundo. A *direcionalidade* pode ter uma direção de ajuste mente-mundo, isto é, fazer com que a mente se adeque ao mundo. Um exemplo de estado Intencional com a direção de ajuste mente-mundo é a crença. No sentido de que quando temos uma crença, essa crença só será verdadeira se ela corresponder ao mundo como ele realmente é. Existem casos em que a direção de ajuste não corresponde ao mundo, por exemplo, uma criança pode acreditar em Papai Noel, quando, na realidade, o Papai Noel é o funcionário de uma loja de brinquedos. Neste caso, para Searle, a falha está na representação do mundo, de forma alguma está no mundo.

A outra direção de ajuste existente consiste na forma mundo-mente, ou seja, fazer com que o mundo corresponda à mente. Um exemplo de estado Intencional com esta direção de ajuste é a intenção. Na concepção searleana, quando temos uma intenção

¹⁶ SEARLE, John R. *Mente, Linguagem e Sociedade*, 2000, p. 100.

¹⁷ Com base nesta diferenciação entre tipo e conteúdo dos estados Intencionais, poderemos entender a diferença entre o tipo e o conteúdo de um ato proposicional, conforme discutiremos mais adiante.

fazemos de tudo para que os fatos no mundo ocorram conforme a nossa intenção. Um exemplo disso é quando temos a intenção de ir ao cinema, nossa intenção de ir ao cinema só será satisfeita se agirmos no mundo de forma que efetivamos nossa ida ao cinema¹⁸.

Pode até parecer que cada estado Intencional funciona de modo independente, pelo fato de termos falado isoladamente das características de alguns deles. Entretanto, os estados Intencionais só têm as condições de satisfação que têm em virtude de uma organização holística que conecta os diversos tipos de estados Intencionais. Essa organização é denominada por Searle de *Rede*.

Cada estado Intencional é apenas uma parte de um complexo amplo de outros estados psicológicos. Notemos o exemplo de uma pessoa que tem a intenção de concorrer à Presidência do Brasil, essa intenção se refere a outros estados Intencionais. Ela pressupõe uma variedade de crenças, tais como: de que o Brasil é uma República, que existem eleições periódicas, que o candidato tem que pertencer a um partido e assim por diante. O candidato também teria uma variedade de desejos, tais como: ser indicado pelo seu partido, que pessoas trabalhassem em sua campanha, que os eleitores votassem nele e assim por diante. Essa intenção se refere a esses outros estados Intencionais, no sentido de que só tem as condições de satisfação que tem devido ao fato dessa intenção estar situada em uma Rede de outros estados mentais, tais como crenças e desejos.

Após aprofundar a análise da Rede, Searle chega à sua noção de Background, ou seja, o conjunto de capacidades mentais não-representacionais que permite a ocorrência de toda a representação. Embora o Background não seja uma forma de Intencionalidade, por ser pré-intencional, ele é uma precondição ou um conjunto de precondições da Intencionalidade. Precisamos saber como as coisas são e como fazer as coisas para que possamos ter os estados Intencionais que temos. Por exemplo, se uma pessoa tem a intenção de pegar uma garrafa de suco na geladeira para beber, ela precisa ter alguns recursos biológicos e culturais para realizar essa tarefa. Entre essas capacidades estão: levantar, andar, abrir portas, manipular garrafas, abrir a garrafa, servir a bebida e beber. As capacidades pré-intencionais referentes à constituição biológica são denominadas de *Background de base*, tais como: andar, comer, pegar e perceber. A atitude pré-

¹⁸ O conceito de *condições de satisfação* e o conceito de *direção de ajuste* também estão na teoria dos atos de fala. O mesmo raciocínio é utilizado para a compreensão desses termos. No caso da direção de ajuste, somente precisamos trocar “mente” por “palavra” nas relações mente-mundo e mundo-mente. A modificação fica desse modo: palavra-mundo e mundo-palavra.

intencional que leva em conta a solidez das coisas e a existência independente de objetos e outras pessoas é denominada de *Background local*, ou práticas culturais locais.

4. Tipos de Intencionalidade

Searle faz uma distinção entre cinco formas de Intencionalidade, a saber, (1) Intencionalidade intrínseca, (2) Intencionalidade derivada, (3) Intencionalidade aparente ou metafórica, (4) Intencionalidade coletiva e (5) Intencionalidade individual. A Intencionalidade é *intrínseca* no sentido de que a mente representa para si mesma os objetos e estados de coisas no mundo. Ademais, ela é intrínseca no sentido de que ela ocorre em um sujeito independente de observadores. A Intencionalidade é *derivada* quando ela é dependente dos observadores, por exemplo, uma frase em inglês só tem o significado que tem em relação a observadores, usuários, entre outros. Dessa forma, a linguagem tem uma Intencionalidade derivada.

Para explicar a *Intencionalidade aparente*, Searle mostra o exemplo da frase “*As plantas de meu jardim têm fome de nutrientes*”¹⁹. Essa afirmação não atribui literalmente nenhuma intencionalidade, porque o fato de dizermos que uma planta tem fome é uma forma metafórica de dizer que elas precisam de nutrientes. Apesar de elas estarem murchando e, por isso, aparentar que estejam com fome, falamos como se elas possuíssem Intencionalidade em analogia às pessoas e animais.

A *intencionalidade individual* é a intencionalidade do indivíduo que tem a forma do “eu”. Já a *Intencionalidade coletiva* ocorre quando se trata de uma cooperação, visto que o indivíduo possui a Intencionalidade do “nós”, no sentido de “nós temos a intenção”. Essa intenção do “nós” (*we*) denota uma expressão cooperativa em contraposição à ação individual, que tem a forma do “eu” (*I*) na expressão de um estado Intencional individual “eu tenho a intenção”. Sendo assim, a Intencionalidade coletiva não é redutível à Intencionalidade individual. Nesta situação de cooperação, a Intencionalidade coletiva precede a Intencionalidade individual. Além do mais, para haver cooperação, tem de ter aceitação ou reconhecimento entre os indivíduos no que se refere à ação coletiva. São exemplos de Intencionalidade coletiva: um jogo de futebol, uma luta de boxe, uma orquestra em um concerto, entre outros.

¹⁹ SEARLE, John, op. cit., 2000, p. 90.

Considerações Finais:

O objetivo principal deste trabalho foi apresentar a pesquisa de Searle a partir da relação entre suas teorias da Intencionalidade e da linguagem. Com base nesta relação, procuramos mostrar as teses principais destas teorias, algumas questões que surgem nestes âmbitos e as soluções propostas por Searle para que elas correspondam à realidade.

Inicialmente, nós analisamos os pressupostos que os seres humanos têm e como eles influenciam as ações humanas, conforme a teoria searleana. As implicações desses pressupostos nos levaram à construção da teoria da consciência de Searle. Nesta teoria, após admitirmos algumas teorias das ciências naturais, vimos que, para Searle, a consciência é um processo biológico tal qual a digestão. No entanto, a descrição da consciência se torna mais problemática por conta do aspecto subjetivo da mesma. A partir disso, vimos a distinção entre a ontologia de primeira pessoa e a ontologia de terceira pessoa.

Ademais, mostramos que podemos conhecer os processos ontologicamente subjetivos em uma descrição epistemologicamente objetiva. Entretanto, a teoria da consciência searleana por si só não explica a relação dos seres humanos com o mundo. Por este motivo, Searle constrói a sua teoria da Intencionalidade. Por “Intencionalidade” entende-se a característica de muitos estados mentais de serem *acerca de* ou serem *dirigidos a* objetos e estados de coisas no mundo, isto é, de possuírem uma *direcionalidade*. Existem cinco tipos de Intencionalidade: (1) Intencionalidade intrínseca, (2) Intencionalidade derivada, (3) Intencionalidade individual, (4) Intencionalidade coletiva e (5) Intencionalidade metafórica ou aparente.

O objetivo crucial deste trabalho foi o de mostrar como a teoria da Intencionalidade de Searle deve ser levada em consideração para uma análise profunda, tendo isso em vista, quisemos apresentar as soluções searleanas para as questões fundamentais da tradição filosófica. Embora existam muitas críticas e discordemos de algumas noções de Searle, cremos que há bons motivos para levar a sério suas teorias.

Bibliografia do Autor:

SEARLE, John. *Os Actos de Fala*, Coimbra- Portugal, tradução coordenada por Carlos Vogt, 1981.

_____. *Mente, Linguagem e Sociedade*, Rio de Janeiro: Rocco, Tradução F. Rangel, 2000.

_____. *Expressão e Significado: estudos da teoria dos atos de fala*: tradução Ana - Cecília G. A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia – 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Intencionalidade*: tradução Julio Fischer, Tomás Rosa Bueno, 2ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A Redescoberta da Mente*, tradução de Eduardo Pereira e ferreira, 2ª Ed., São Paulo, Martins Fontes, 2006.

_____. *The Construction Of Reality Society, First Edition, The Free Press, New York*, 1995.

_____. *Why Am I Not a Property Dualist?*, *Journal of Consciousness Studies*, **9**, No. 12, 2002.

Bibliografia de Outros Autores:

AUSTIN, John; *How To Do Things With Words. The William James Lectures delivered at Harvard University*. OXFORD, 1955.

_____. *How to Talk: Some Simple Ways, in Philosophical Papers*, Cambridge, 1979.

DAVIDSON, Donald, *In Defense of Convention T*; In: *Truth, Syntax and Modality*. Ed. v. H. Leblanc. Amsterdam, 1973.

PENCO, Carlo; *Introdução à Filosofia da Linguagem*; tradução de Ephraim F. Alves. J. L., Petrópoles - RJ: Vozes, 2006.

PUTNAM, H., *Realism and Reason. Philosophical Papers, vol. 3*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CARVALHO, Joelma Marques de; *Intencionalidade e Linguagem [manuscrito]*; Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2005.

_____. *O Que é Anterior: Linguagem ou Intencionalidade?*, *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha* Ano II/2, Julho/Dez 2005.